

Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Reclame de jornal publicado no Rio de Janeiro | Imagem: (Rossi, 2020)

Impactos sociais da epidemia de gripe espanhola em Sergipe: revisão de escopo

Recebido em 10/04/2026 e publicado em 20/06/2026

Matheus Honorato da Silva Santos (UFS)

Resumo: O artigo mobiliza e apresenta informações referentes a uma revisão de literatura empreendida no ano de 2026, vinculada ao projeto de pesquisa “A gripe espanhola em Sergipe: os impactos sociais da epidemia de 1918” e conduzida a partir do problema: Quais os impactos sociais da gripe espanhola no estado de Sergipe, em 1918, sob a ótica da imprensa local? O levantamento partiu de um resultado geral de 1.099 teses e dissertações de pós-graduação em História, das quais doze foram integralmente analisadas, após refinamentos no processo de busca nos bancos de dados consultados. A sondagem focalizou trabalhos que correlacionassem as categorias “epidemia” e “sociedade”, particularmente no contexto epidêmico da gripe espanhola no Brasil. Ao avaliarmos as funções lógicas exercidas por tais categorias nos trabalhos como agente ou paciente, constatamos a predominância da função de agente à categoria “epidemia” e de paciente à categoria “sociedade”, sendo as funções variáveis conforme as perspectivas de abordagem dos trabalhos.

Palavras-chave: epidemia; gripe espanhola; sociedade sergipana.

1. Introdução

Este artigo apresenta uma revisão de literatura realizada entre os meses de março e junho de 2026. A revisão foi orientada por um problema de pesquisa (Krippendorff, 2019) e aplicada a dissertações e teses defendidas em programas de pós-graduação em História nos últimos vinte anos, isto é, entre 2007 e 2026. O levantamento é uma das atividades do projeto de pesquisa intitulado “A gripe espanhola em Sergipe: os impactos sociais da epidemia de 1918”, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS), cuja questão central é a seguinte: Como a imprensa sergipana representou e interpretou os impactos sociais da gripe espanhola em Sergipe no ano de 1918?

O levantamento de trabalhos se valeu de uma busca on-line na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Embora tenhamos constatado a inexistência de trabalhos que abordassem as implicações sociais da referida epidemia especificamente em território sergipano, a revisão de literatura empreendida nos possibilitou investigar se a hipótese de que a epidemia gerou implicações sociais foi confirmada ou refutada em trabalhos que historicizaram a gripe espanhola em outras localidades brasileiras, fossem cidades, estados ou regiões.

O critério ao qual recorremos para lograr a análise consistiu na classificação das funções exercidas pelas categorias “epidemia” e “sociedade” como agentes ou pacientes. Para tanto, observamos como os autores trabalharam com tais categorias: se ressaltando os impactos exercidos pela epidemia sobre a sociedade, as ações desta perante o cenário epidêmico, ou ambas as questões. Evidenciamos a predominância da ideia de agência em relação ao quadro epidêmico de gripe espanhola. Por outro lado, a sociedade se apresenta, também predominantemente, como paciente perante a enfermidade. Na contramão deste padrão, alguns trabalhos classificaram a epidemia como paciente e a sociedade como agente. Diante disto, inferimos que a maioria expressiva dos trabalhos elencados neste artigo corroboraram a noção de que o surto gripal de 1918 exerceu impactos sobre a sociedade.

Para melhor compreensão da matéria investigada, seccionamos este artigo da seguinte maneira: Metodologia, na qual descrevemos como foi realizado o levantamento de teses e dissertações com a aplicação de mecanismos de refinamento de busca; Resultados, onde nos ocupamos com a apresentação dos trabalhos localizados, conforme os critérios de organização estabelecidos; Crítica dos trabalhos, em que expomos as qualidades e as insuficiências dos estudos elencados; e Autoavaliação, espaço onde discutimos os pontos negativos, os pontos positivos e as possibilidades de melhoramento do projeto de pesquisa.

2. Metodologia

A revisão de literatura do tipo revisão de escopo foi conduzida a partir da questão central: Como a imprensa sergipana representou e interpretou os impactos sociais da gripe espanhola em Sergipe no ano de 1918? Tendo em vista a inexistência de trabalhos defendidos acerca das implicações sociais dessa epidemia em território sergipano, o levantamento levou em consideração os estudos similares, e foi realizado por meio de uma busca por teses e dissertações nas bases de dados do IBICT e da CAPES.

Compõem o *corpus* teses e dissertações defendidas nos últimos dois decênios (2007 a 2026), e que associam as categorias “epidemia” e “sociedade” no que se refere ao contexto de progressão da gripe espanhola no Brasil, no ano de 1918. Em princípio, a busca foi

norteada pela inserção, nos respectivos campos de pesquisa, das categorias em comento com a aplicação do operador “AND”: “epidemia” AND “sociedade”. Preliminarmente, os bancos de dados retornaram um total de 1.099 trabalhos. A seguir, recorremos a ferramentas de refinamento nos catálogos: a primeira delas foi a delimitação do ano de publicação, a fim de restringir os resultados ao recorte temporal previamente estipulado, o que reduziu a quantidade para 774. Posteriormente, selecionamos apenas os trabalhos defendidos em programas de pós-graduação na área de História, e assim obtivemos o quantitativo de 47 teses ou dissertações. Por fim, selecionamos, dentre os resultados, os estudos respeitantes à gripe espanhola, e, assim, a triagem resultou em doze trabalhos.

Posteriormente ao levantamento de teses e dissertações, elaboramos uma planilha com as informações seccionadas com base nos seguintes elementos: autor; título; ano de defesa; instituição de defesa; sigla da instituição; resumo; problema de pesquisa; e funções das categorias.

3. Resultados

Nesta seção, apresentamos os resultados da análise atinente às categorias “sociedade” e “epidemia”, com enfoque na epidemia de gripe espanhola, nos trabalhos de pós-graduação em História produzidos no decurso dos dois últimos decênios, isto é, entre os anos de 2007 e 2026. Consideramos um total de doze trabalhos acadêmicos, sendo nove (75%) os trabalhos localizados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do IBICT; dois (17%) acessados através do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; e um (8%) encontrado em ambos os bancos.

Organizamos as subseções, inicialmente, utilizando o critério de tempo da narrativa (ano de defesa/divulgação pública). Desse modo, seccionamos a exposição em dois momentos: um referente ao primeiro decênio do recorte temporal – 2007 a 2016 –, e o outro, ao segundo decênio – 2017 a 2026. Examinamos, em seguida, os padrões quantitativos e as modalidades qualitativas de agência e de paciente nas pesquisas dos primeiros dez anos, abarcando o quantitativo de três trabalhos (25%). Em sequência, utilizamos o mesmo critério de análise, mas compreendendo os trabalhos produzidos no transcurso dos últimos dez anos, havendo, neste caso, nove produções acadêmicas analisadas (75%).

Inferimos que é predominante nos trabalhos apresentados a noção de “agente” em relação à categoria epidemia e de “paciente” (Bechara, 2019, p. 312) no tocante à categoria sociedade, tanto no primeiro, quanto no segundo decênio do recorte. As exceções ao padrão em questão consistem nos estudos que se concentram nas ações da sociedade em face da epidemia, ou propõem metodologias didáticas para abordar, no ambiente escolar, a gripe espanhola e/ou outras epidemias históricas.

3.1. Padrões qualitativos das condições de agente e paciente das categorias “sociedade” e “epidemia” (2007-2016)

Dentre os três trabalhos defendidos no decênio inicial do recorte temporal estabelecido, encontrados a partir do levantamento de teses e dissertações nas bases de dados anteriormente informadas, dois (67%) são dissertações de mestrado e um (33%) é uma tese de doutorado. Em princípio, constatamos que, de forma unânime, a categoria “epidemia” foi compreendida com a função de agente, e a categoria “sociedade” com a função de paciente. Inferimos, portanto, que os três trabalhos (100%) que integram o presente recorte seguiram um padrão no que tange à função desempenhada pelas categorias centrais: a

abordagem da epidemia de gripe espanhola foi norteadada pelo pressuposto conforme o qual a epidemia (agente) agiu sobre a sociedade (paciente), fazendo com que esta sofresse os impactos decorrentes do surto de influenza, em 1918.

Na perspectiva de abordar a epidemia na condição de agente e a sociedade na função de paciente, Christiane Maria Cruz de Souza (2007) investigou como a gripe espanhola se infiltrou no cotidiano das pessoas, quais as reações que provocou e a maneira pela qual deu expressão a valores sociais, culturais e políticos no estado da Bahia. Tratamos aqui de uma referência elementar na historiografia concernente à gripe espanhola no Brasil, além de ser um trabalho pioneiro no sentido de examinar os efeitos da crise epidêmica de influenza em um estado da região Nordeste do país. O trabalho produzido por Souza (2007) consiste, aliás, na única tese de doutoramento em História, relacionada à epidemia de gripe espanhola, defendida nos primeiros dez anos da nossa delimitação temporal, isto é, entre os anos de 2007 e 2016.

Seguindo a mesma lógica predominante de atribuição de um perfil agentivo à categoria de “epidemia” em narrativas acerca do contexto da influenza espanhola no Brasil, a dissertação de Leandro Carvalho Damacena Neto (2010) objetivou compreender os impactos exercidos e os significados representados por aquela enfermidade em relação à população do estado de Goiás. Nesse sentido, a epidemia não foi vista unicamente como uma problemática de ordem biológica, mas, também, como um problema social que demandou uma busca por suas significações sociais e culturais, partindo da historicização das doenças (Damacena Neto, 2010).

Com uma perspectiva semelhante, a dissertação defendida por Rosineide de Melo Gama (2013) analisou a passagem da mesma epidemia pela capital do estado do Amazonas, intentando compreender como a gripe espanhola, mesmo sendo um processo biológico, atingiu os âmbitos da política, da cultura, da economia, da sociedade e do imaginário na cidade de Manaus. Assim como nos trabalhos anteriormente citados, a epidemia foi apresentada como agente e a sociedade como paciente, o que evidencia uma continuidade quanto às funções das categorias.

Um outro relevante aspecto identificado é o intervalo coincidente de três anos entre as defesas dos trabalhos de Souza (2007), Damacena Neto (2010) e Gama (2013). Convém notar, ademais, que os recortes espaciais dos estudos se referem a localidades de três regiões distintas do Brasil: Nordeste, Centro-Oeste e Norte, respectivamente. Esses trabalhos revelam, portanto, certo pioneirismo quanto à investigação historiográfica da epidemia de gripe espanhola fora do perímetro da região Sudeste, que entre meados da década de 1980 e o princípio dos anos 2000 foi alvo das teses e dissertações problematizadoras da enfermidade em apreço.

Em face do exposto, percebemos que a quantidade de trabalhos acadêmicos defendidos no primeiro decênio do recorte temporal é diminuta, visto se resumirem a três. Em sua totalidade, tais pesquisas correlacionaram as categorias “epidemia” e “sociedade” no contexto de disseminação da gripe espanhola pelo Brasil. Também é unânime, nessas produções historiográficas, a atribuição da função de agente à categoria “epidemia” e de paciente à categoria “sociedade”.

3.2. Padrões qualitativos das condições de agente e paciente das categorias “sociedade” e “epidemia” (2017-2026)

Com base no levantamento de teses e dissertações norteadas pelos critérios aludidos, há um total de nove trabalhos defendidos no segundo decênio do período estipulado de vinte

anos, que correlacionaram as categorias “sociedade” e “epidemia” no contexto da gripe espanhola no Brasil, em 1918. Desse total de nove (100%) trabalhos localizados, dois (22,2%) consistem em teses de doutorado e sete (77,8%) são dissertações de mestrado. Constatamos, de antemão, a superioridade do quantitativo de dissertações, em comparação com a quantidade de teses, no recorte temporal correspondente aos últimos dez anos, ou seja, entre 2017 e 2026. Conjecturamos que o volume de trabalhos produzidos no período apresentou um incremento em relação ao decênio precedente em virtude de duas circunstâncias importantes: o centenário da gripe espanhola, no ano de 2018, e a emergência do surto epidêmico de covid-19, formalmente declarada em 2020.

A categoria “epidemia” foi descrita com a função de agente em sete (77,8%) trabalhos, e de paciente em dois (22,2%), enquanto a categoria “sociedade” exerceu função de agente em cinco (55,6%), e de paciente em quatro (44,4%). Em três (33,3%), tanto a categoria “epidemia”, quanto a categoria “sociedade” exerceram função agentiva. Inferimos, diante das estatísticas, a ruptura com um padrão aferido nos trabalhos defendidos no primeiro decênio, em que ambas as categorias indicadas desempenharam, respectivamente, as funções agentiva e de paciente.

Sobre os trabalhos procedentes de programas acadêmicos de pós-graduação em História, nos quais a categoria “epidemia” desempenhou a função de agente, e a categoria “sociedade” de paciente, elencamos as dissertações de mestrado de autoria de Alexandre Caetano da Silva (2017), Isaías Dalle Nogare Liebana (2023) e Carolina da Fonseca Schlaepfer (2025), e a tese de doutorado defendida por Maria Cristina Alochio de Paiva (2022).

Historicizando a evolução e os efeitos da doença no espaço urbano do Recife, a capital pernambucana, Silva (2017) partiu da premissa de que a enfermidade se configurou como um problema social para apontar quais providências foram tomadas pelas autoridades sanitárias em relação ao povo e como se deu a experiência da população recifense em face de uma das mais violentas epidemias, vista como uma “inimiga” difícil de ser definida ou caracterizada.

Acerca da passagem da gripe espanhola pelo território espírito-santense, a tese de Paiva (2022) analisou como a disseminação da doença impactou na sociedade capixaba em suas esferas política, social e econômica, impondo às pessoas a necessidade de procurar meios de prevenção e de tratamento para assegurar a própria sobrevivência e conter o aumento das mortes.

Embora não tenha se debruçado, especificamente, sobre a epidemia de influenza de 1918, Liebana (2023) examinou as representações do jornal *Diario Español*, escrito em língua espanhola e veiculado na capital e no interior de São Paulo, buscando alumiar quais formas de representação da população imigrante de origem hispânica foram apresentadas pelo referido periódico. O recorte da dissertação principiou no ano de 1912, quando a colônia espanhola atingiu o patamar de maior contingente imigratório em terras paulistas, e alcançou o ano de 1918, fase do desfecho da Primeira Guerra Mundial e ocasião da passagem da gripe espanhola pelo mundo.

Dois anos mais tarde, o trabalho dissertativo defendido por Schlaepfer (2025) sustentou a hipótese de que a epidemia de 1918 afetou profundamente as instituições de saúde, assistência e encarceramento, fator que levou a autora à formulação do problema de pesquisa norteados pelos questionamentos: como a gripe espanhola se manifestou no Hospício Nacional de Alienados, na Casa de Correção e na Casa de Detenção, no Rio de Janeiro; quais providências foram adotadas por seus respectivos gestores; e de que modo a

crise sanitária influenciou debates e práticas médicas e penitenciárias no contexto da Primeira República?

Ao tratarmos de trabalhos provenientes de cursos de mestrado profissional em Ensino de História, vemos que o desenvolvimento de tais pesquisas foi impulsionado pela ocorrência recente da epidemia global de covid-19. Nas dissertações de Leandro Garcia Costa (2021), Nórbia Ribeiro da Costa Boa Sorte (2022) e Alisson Felinto Trajano (2024), produzidas e defendidas a partir do cenário epidêmico causado pelo coronavírus, a categoria “sociedade” se apresentou com o caráter agentivo, em razão das propostas pedagógicas e instrumentos de ensino voltados para o âmbito escolar, os quais visaram conferir protagonismo aos discentes da Educação Básica. No que se refere à formação de uma consciência histórica acerca das ações dos agentes políticos durante a epidemia da gripe espanhola, tais autores buscaram compará-las com as ações levadas a cabo no contexto da epidemia recentemente vivenciada, isto é, a de covid-19.

Investigando como a História das doenças é tratada nos currículos nacionais da Educação Básica, Costa (2021) se valeu do contexto de incidência da covid-19 para examinar a presença das doenças nos livros de História dos 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, a fim de elaborar orientações didáticas para as escolas públicas sobre o histórico de enfermidades no Brasil. Com intento semelhante de posicionar a sociedade ativamente diante das epidemias históricas, Boa Sorte (2022) desenvolveu a sua dissertação de mestrado profissional propondo abordagens didático-pedagógicas sobre epidemias e temporalidade histórica em turmas do Ensino Fundamental. No estudo em comento, a epidemia de covid-19 serviu para gerar reflexões a respeito de outras doenças que irromperam no passado, como a gripe espanhola. Assim, o trabalho de Boa Sorte (2022) partiu do problema de pesquisa que almejou compreender como o alunado pode apreender as mudanças e as permanências na História das doenças, lidar com as representações do medo em cada tempo histórico e avaliar os impactos dos movimentos negacionista e antivacina.

Ainda no mesmo viés analítico, uma terceira dissertação de mestrado profissional, dessa vez de autoria de Trajano (2024), buscou dilucidar como as ações dos agentes políticos exerceram impacto na dinâmica social, em especial na educação, em ambos os contextos epidêmicos – o de gripe espanhola e o de covid-19. O estudo comparativo desenvolvido na seara do ensino propôs a idealização e aplicação de instrumentos educacionais que possibilitassem a discussão acerca dos avanços e das permanências quanto aos referidos cenários de epidemias. Alicerçando-se, também, no conceito de consciência histórica, Trajano (2024) intentou problematizar a História das doenças em sala de aula por meio de charges elaboradas por discentes do Ensino Fundamental.

Cumprе salientar que o caráter agentivo da categoria “sociedade” não é uma particularidade restrita às dissertações oriundas dos cursos de mestrado profissional, tendo em vista a existência de outros trabalhos que colocaram a sociedade como agente no contexto da gripe espanhola. Nesse sentido, citamos a tese de José Maria de Castro Abreu Junior (2018) e a dissertação de Ticyana Silva Franco (2026), produções acadêmicas nas quais tanto a categoria “sociedade”, quanto a categoria “epidemia” desempenharam função agentiva, conforme depreendemos do conteúdo das pesquisas. Inferimos, pois, que ambos os trabalhos abordaram a epidemia de gripe espanhola como agente, em face da qual a sociedade atuou ativamente para refreá-la. Justificamos, assim, o fato de as duas categorias mobilizadas desempenharem a mesma função.

Ao empreender uma análise sobre a progressão e os impactos da influenza na cidade de Belém, a capital paraense, Abreu Junior (2018) examinou periódicos, relatórios oficiais,

relatos de memorialistas e documentos médicos com o propósito de investigar como o poder público local atuou diante do problema e quais as estratégias que a população desenvolveu para enfrentar a crise e sobreviver àquele contexto. Semelhantemente, mas tratando do litoral maranhense, a dissertação recentemente defendida por Franco (2026) recorreu às narrativas sobre a enfermidade em quatro jornais publicados à época no estado do Maranhão, buscando elucidar como se deram as relações sociais e de poder no quadro epidêmico, e de quais formas as autoridades médicas, governamentais e sanitárias, além da sociedade como um todo, atuaram diante do flagelo.

Diante do apresentado nesta seção, constatamos que, no segundo decênio do recorte, houve aumento no quantitativo de trabalhos que correlacionaram as categorias “epidemia” e “sociedade” no contexto da gripe espanhola no Brasil, em comparação com o decênio precedente. O número de trabalhos passou de três para nove, isto é, triplicou, correspondendo a um aumento de 200%. Essa ampliação parece remeter ao centenário da irrupção da gripe espanhola, completado em 2018, e à ocorrência de uma nova epidemia, causada pelo coronavírus e oficialmente declarada em 2020.

3.3. Crítica aos trabalhos

Diante do levantamento de teses e dissertações, algumas referências se destacam por suas qualidades, quais sejam: o domínio da norma culta, a especificação do objetivo central do trabalho; a explicitação das fontes examinadas e os seus critérios de análise; a apresentação das metodologias de pesquisa; o diálogo com a historiografia correlata então existente; e a utilização de referenciais teórico-metodológicos apropriados. Nesse escopo, temos a tese de Souza (2007) e as dissertações de Damacena Neto (2010), Gama (2013), Costa (2021) e Liebana (2023).

Os demais trabalhos contêm deslizes, mesmo constituindo referências indispensáveis para a elaboração da pesquisa pretendida. Pontuaremos algumas das insuficiências mais expressivas nas teses e dissertações localizadas, sem intentarmos abarcar a totalidade dos desacertos, tendo em vista a exiguidade do espaço do qual dispomos neste artigo de revisão de literatura.

A dissertação de Silva (2017) apresenta um par de falhas notáveis: a primeira, interpretativa e comum a outros trabalhos, refere-se à generalização da imprensa, como se esta constituísse uma fonte homogênea, deixando de levar em conta os interesses e as subjetividades pertinentes a cada jornal consultado. A segunda, estética, relaciona-se a erros gramaticais grosseiros, evidentes desde o resumo da pesquisa, onde há frases com incorreções ortográficas e de concordância verbal, como: “Os registros dos jornais da época *serviu* de espaços para as autoridades sanitárias *orientar* a sociedade de como *lbe dar* com a situação [...]” (Silva, 2017, p. 6). Este descuido com a norma culta, cara ao âmbito acadêmico, reduz a credibilidade do trabalho e prejudica a sua compreensão.

Outro problema já mencionado acima, a respeito da homogeneização da imprensa, também pode ser constatado na dissertação de Schlaepfer (2025), que, embora utilize os jornais como fontes de pesquisa, não averigua as peculiaridades de cada periódico, e cita recorrentemente a imprensa de maneira generalizante, como se todos os impressos fossem providos do mesmo perfil. O mais recente trabalho elencado no levantamento, a dissertação de Franco (2026), incorre igualmente na referida generalização ao se reportar à imprensa sem apurar as singularidades dos discursos.

Quanto aos trabalhos que se apropriam de fontes memorialísticas, constatamos que, apesar de sua inequívoca relevância, esse tipo de fonte careceu de uma análise mais detida e

criteriosa por parte dos pesquisadores, os quais não raro incorreram no equívoco de não interpretar criticamente os testemunhos colhidos. Essa atitude obnubila as particularidades e induz a crer que os relatos de memória representam visões de mundo, reações e perspectivas partilhadas por toda a sociedade. A tese de Abreu Junior (2018) apresenta o lapso do autor quanto a esse aspecto, o que não invalida a importância do seu cuidadoso trabalho de pesquisa. A tese de Paiva (2022) problematiza a memória com base em um referencial teórico-metodológico adequado, porém transcreve relatos orais de pessoas que viveram a época da gripe espanhola sem interpretá-los criticamente articulando-os com a bibliografia, o que representa uma insuficiência e, de certo modo, uma contradição.

No trabalho dissertativo defendido por Boa Sorte (2022), percebemos a inexistência de uma apresentação, no resumo e na introdução, das fontes utilizadas. Como já mencionamos, trata-se de uma pesquisa proveniente de um programa de mestrado profissional, a qual não necessariamente dependeria da análise de fontes primárias, visto ser o intento da autora propor novos métodos de abordagem das epidemias para o Ensino Fundamental. Assim, a ausência de fontes não representa uma falta grave, mas seria oportuno selecionar e problematizar, em sala de aula, ao menos alguma fonte histórica acerca de um dos cenários epidêmicos do passado. A dissertação de Trajano (2024), também oriunda de um mestrado profissional, propõe, para o ambiente escolar, o uso de charges produzidas nos contextos das epidemias de gripe espanhola e de covid-19 como fontes históricas, todavia, não explicita isto no resumo, que apenas cita a elaboração de charges por parte de discentes envolvidos na proposta didático-pedagógica, gerando certa confusão.

Assinalamos, ainda, a ausência de análises de registros fotográficos relativos ao contexto da influenza espanhola nas dissertações de Silva (2017), Costa (2021), Liebana (2023), Trajano (2024) e Franco (2026). A julgar pelos demais trabalhos, que analisaram, também, fotografias relacionadas à crise epidêmica, cremos que os cinco autores aqui listados pecaram ao desconsiderar a utilização de fotografias como fontes históricas, perdendo a oportunidade de enriquecer as suas respectivas investigações desenvolvendo problematizações em torno desse tipo de fonte imagética.

Em suma, ao avaliarmos as teses e dissertações selecionadas, identificamos algumas falhas que não deslegitimam o esforço e o comprometimento dos seus respectivos autores no sentido de contribuir para a historiografia brasileira respeitante à epidemia de gripe espanhola, em 1918.

4. Autoavaliação da proposta de pesquisa motivadora desta revisão

Nesta seção, apontamos as insuficiências, qualidades e possibilidades de melhoramentos referentes ao projeto de pesquisa “A gripe espanhola em Sergipe: os impactos sociais da epidemia de 1918”, levando em consideração os aspectos discutidos na seção de avaliação das dissertações e teses concernentes à epidemia de gripe espanhola, defendidas no Brasil nos últimos vinte anos.

Em se tratando dos pontos negativos, este projeto falha ao não detalhar suficientemente a metodologia de pesquisa a ser aplicada, limitando-se a citá-la vagamente – a análise documental – sem fundamentá-la teoricamente, e sem elucidar como ela poderá ser conduzida para examinar as fontes reunidas. Entrementes, o projeto se propõe a investigar os impactos sociais da epidemia sem dispor, até o presente momento, de fontes ou bibliografia específicas que forneçam informações a respeito da gripe espanhola sob a perspectiva de sujeitos ou grupos familiares diretamente afetados pela moléstia, para que o

estudo não se restrinja aos discursos da imprensa ou a informes de comunicações oficiais trocadas entre autoridades governamentais, médicas e sanitárias. Assim, cometemos falhas similares às de autores como Silva (2017), Schlaepfer (2025) e Franco (2026).

No que se refere aos pontos positivos, destacamos o fato de o projeto de pesquisa propor a investigação das especificidades dos discursos e das subjetividades de cada jornal local analisado, a fim de delinear as diferenças entre discursos presentes nos impressos conforme seus respectivos interesses ou vieses político-partidários, assim se evitando generalizar a imprensa sergipana ou fazer parecer que todos os periódicos abordaram a epidemia de influenza da mesma maneira. Ainda em relação ao aparato de fontes, o projeto explicita o tipo utilizado, isto é, os jornais locais, e identifica, nominalmente, todos os periódicos que compõem o referido arcabouço. Desse modo, alinhamo-nos a autores como Souza (2007), Damacena Neto (2010) e Gama (2013).

Quanto aos possíveis melhoramentos na referida proposta, mencionamos a ampliação das fontes para além dos periódicos sergipanos, objetivando abarcar e problematizar os testemunhos registrados por escrito de memorialistas que vivenciaram, à época, a crise epidêmica de gripe espanhola em Sergipe. Com o uso de testemunhos como fontes, podemos replicar uma qualidade dos trabalhos de Abreu Junior (2018) e Paiva (2022). Há, ademais, a possibilidade de análise de fontes imagéticas, ou seja, registros visuais localizados em arquivos públicos, que apresentam elementos caros à pesquisa, fotografados poucos anos após a irrupção da doença. Dentre os registros fotográficos, destacamos as fachadas do principal hospital da capital Aracaju no contexto epidêmico e da repartição governamental então incumbida da saúde pública em Sergipe, bem como os retratos do então presidente do Estado, do diretor da repartição de saúde, e de uma equipe de médicos que possivelmente assistiram vítimas da enfermidade. Com a análise de registros fotográficos, evocamos uma qualidade de trabalhos como os de Souza (2007), Gama (2013), Boa Sorte (2022) e Schlaepfer (2025).

Uma segunda possibilidade de melhoria se refere ao detalhamento das metodologias de pesquisa, uma vez que a versão inicial do nosso projeto cita de modo vago a metodologia da pesquisa documental, porventura não inteiramente apropriada ou suficiente para analisar com o devido rigor as demais fontes anteriormente apresentadas: as obras memorialísticas e as fotografias. Tendo em vista que os objetivos específicos do projeto se amparam no uso de jornais como fontes, propomos uma mudança do método a ser utilizado para analisá-los. Recorremos, então, à Análise do Discurso, em consonância com as proposições de Michel Foucault (1996), segundo o qual o acesso ao poder exerce papel relevante na construção dos discursos, legitimando informações e estabelecendo quais “verdades” são transmitidas em meio à sociedade. O referido método é caro aos estudos relativos ao domínio da História das doenças, especialmente quando jornais são utilizados como fontes.

Em síntese, o projeto de pesquisa possui alguns vícios e virtudes, e pode ser revisado para atender a necessidades descortinadas ao compará-lo com os trabalhos correlatos, localizados após o levantamento de teses e dissertações defendidas nos últimos dois decênios.

5. Conclusão

A presente análise das dissertações e teses defendidas ao longo dos dois últimos decênios em programas de pós-graduação em História, e que historicizaram a gripe espanhola estabelecendo como recortes espaciais cidades, estados ou regiões específicas, viabilizou a verificação das funções exercidas pelas categorias “epidemia” e “sociedade” nos trabalhos

em questão. Nesse sentido, observamos como os autores dos trabalhos abordaram estas categorias: seja enfatizando os impactos sociais da epidemia, seja focalizando as ações da sociedade diante do quadro epidêmico, ou, ainda, destacando ambos os aspectos.

Pudemos averiguar em quais estudos tais categorias desempenharam as funções de agente ou paciente, o que revelou a predominância da ideia de agência atribuída à epidemia gripal de 1918 e de paciente conferida à sociedade. Nesse sentido, a parcela majoritária dos trabalhos localizados no levantamento realizado historicizaram a enfermidade destacando os impactos que esta exerceu sobre a população.

Constituíram exceções ao padrão acima referido os trabalhos centrados na investigação das ações da sociedade para combater o surto epidêmico, ou na proposição de metodologias didático-pedagógicas para problematizar, no âmbito da sala de aula, a gripe espanhola e/ou outras epidemias históricas. Nestes casos, percebemos uma inversão na tendência, haja vista a atribuição da função de agente à categoria “sociedade” e de paciente à categoria “epidemia”.

A principal contribuição do presente artigo de revisão de literatura se refere à demonstração da relevância da historicização das doenças com o propósito de delinear os impactos exercidos por epidemias históricas sobre a sociedade. Evidenciamos, em suma, a importância da problematização, no domínio da História das doenças, das implicações sociais dos quadros epidêmicos.

Referências

- ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. *O vírus e a cidade: rastros da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belém (1918)*. 2018. 214 f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/server/api/core/bitstreams/b327b4d8-9ce8-4102-8a13-9971147fbf5d/content>. Acesso em: 25 maio 2026.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2019.
- BOA SORTE, Nórbia Ribeiro da Costa. *Da Covid-19 à peste bubônica: pandemias, temporalidade e ensino de História*. 2022. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022. Disponível em: <https://www2.uesb.br/ppg/profhistoria/wp-content/uploads/2022/10/Da-Covid-19-%C3%A0-Peste-Bub%C3%B4nica-Pandemias-Temporalidade-e-Ensino-de-Hist%C3%B3ria.pdf> Acesso em: 25 maio 2026.
- COSTA, Leandro Garcia. *O que a História ensina sobre as epidemias no Brasil?* Orientações didáticas para o Ensino Fundamental. 2021. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11105800. Acesso em: 25 maio 2026.
- DAMACENA NETO, Leandro Carvalho. *A influenza espanhola de 1918/1919 na Cidade de Goiás*. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tedeserver/api/core/bitstreams/f6d2143e-02e1-4aa7-a201-91bd9a2a7e56/content>. Acesso em: 25 maio 2026.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3ª ed. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANCO, Ticyana Silva. *A gripe espanhola no litoral maranhense através dos jornais do estado (1918-1919)*. 2026. 202 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2026. Disponível em: https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/6918/2/Ticyana_Silva_Franco.pdf. Acesso em: 25 maio 2026.

GAMA, Rosineide de Melo. *Dias mefistofélicos: a gripe espanhola nos jornais de Manaus (1918-1919)*. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, 2013. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3971#preview-link0>. Acesso em: 25 maio 2026.

KRIPPENDORFF, Klaus. *Content analysis: an introduction to its methodology*. 4ª ed. Thousand Oaks: SAGE, 2019.

LIEBANA, Isaías Dalle Nogare. *Diario Español, entre as guerras e a gripe: um jornal hispânico na Pauliceia (1912-1918)*. 2023. 205 f. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/f0e88372-06b7-446c-bf05-efe791e4768e/content>. Acesso em: 25 maio 2026.

PAIVA, Maria Cristina Alochio de. *O flagelo da gripe espanhola no Espírito Santo: da sua negação à convicção de sua presença letal (1918-1919)*. 2022. 267 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/b3f5f01b-1c24-4308-807d-130298ee1516/content>. Acesso em: 25 maio 2026.

SCHLAEPFER, Carolina da Fonseca. *A Espanhola nas instituições de exclusão: a Gripe Espanhola na Casa de Correção, de Detenção e no Hospício Nacional de Alienados*. 2025. 169 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://api.arca.fiocruz.br/api/core/bitstreams/3186ee27-0817-49f6-a2f1-b920d5d04568/content>. Acesso em: 25 maio 2026.

SILVA, Alexandre Caetano da. *Recife, uma cidade doente: a gripe espanhola no espaço urbano recifense (1918)*. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/32740/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Alexandre%20Caetano%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 25 maio 2026.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. *A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. 2007. 387 f. Tese (Doutorado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://api.arca.fiocruz.br/api/core/bitstreams/d6efe780-e283-453f-bf96-fb1e8093ca8e/content>. Acesso em: 25 maio 2026.

TRAJANO, Alisson Felinto. *Pensar e sentir o tempo: uma prática em ensino de História a partir dos contextos político-social da gripe espanhola e covid-19 no Brasil*. 2024. 111 f.

Dissertação (Mestrado profissional em Ensino de História) – Programa Profissional de Ensino de História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/35412/1/AlissonFelintoTrajanoDissert.pdf>. Acesso em: 25 maio 2026.

Autor



Matheus Honorato da Silva Santos é mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PPGH-UFS) e graduado em Licenciatura em História pela UFS. É professor da Educação Básica em uma instituição de ensino da rede particular de Nossa Senhora do Socorro/SE e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Publicou, entre outros trabalhos, [A gripe espanhola em Aracaju](#): sociedade, imprensa e poder público no contexto de progressão da influenza (1918-1919) e “[Influenzaphobia](#)”: medo e morte no contexto da gripe espanhola em Sergipe. ID Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/1780535348634458>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0502-4518>; e-mail: matheushonorato777@hotmail.com.

Para citar este artigo

SANTOS, Matheus Honorato da Silva. Impactos sociais da epidemia de gripe espanhola em Sergipe: revisão de escopo. *Crítica Historiográfica*, Natal, v. 6, n. 29, p. 53-64, maio / jun. 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).